

Universidade da Maia

Departamento de Ciências da Educação Física e Desporto



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Mariana Henriques Gomes

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos
Básico e Secundário

Orientador Institucional

Professor Doutor Rui Araújo

Outubro, 2024



Mariana Henriques Gomes

N.º 36176

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação de Professor Doutor Rui Araújo

Gomes, M. (2024), Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Universidade da Maia.

Palavras-Chaves: Prática de Ensino Supervisionada; Núcleo de Prática de Ensino Supervisionada; Estudante Estagiário; Educação Física; Orientador Cooperante; Ensino.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu trajeto, que culmina com a realização deste relatório, foram várias as pessoas que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Assim sendo, quero expressar o meu sentimento de gratidão perante eles, ainda que todas as palavras sejam poucas para agradecer o que fizeram por mim.

Ao meu orientador cooperante, o Professor Doutor David Magalhães, por todo o conhecimento transmitido, pela amabilidade com que me recebeu e, acima de tudo, pelos laços de amizade que construímos.

Ao meu supervisor, o Professor Doutor Rui Araújo, pelas críticas construtivas e sinceras que me deu, críticas essas cruciais para o meu desenvolvimento enquanto estudante-estagiária.

Ao agrupamento de Escolas de Vilela por me ter recebido de braços abertos e por me fazer sentir como parte integrante da mesma.

A todos os docentes com quem me cruzei nesta caminhada, por me terem transmitido parte do seu conhecimento e por serem o testemunho vivo de que com esforço, trabalho e dedicação podemos atingir os nossos objetivos na área que escolhemos.

Aos meus alunos, por me fazerem crescer, por me desafiarem, por me tirarem do sério e por me mostrarem diariamente a razão pela qual decidi ser professora. Sem eles esta profissão que tanto admiro não tinha a razão de ser.

Por último, mas não menos importante, à minha família, namorado e amigas por serem as pessoas mais importantes da minha vida, por mostrarem diariamente o orgulho que têm em mim, por me apoiarem em todos os momentos e por nunca me deixarem desistir, mesmo quando o caminho parecia ser mais sombrio. Ver-vos felizes e orgulhosos de mim é a maior conquista que algum dia poderei alcançar.

Resumo

Este relatório surge como parte final da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada, no âmbito do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade da Maia, no decorrer do ano letivo 2023/2024. A Prática de Ensino Supervisionada teve lugar no Agrupamento de Escolas de Vilela, pertencente ao concelho de Paredes. O Núcleo de Prática de Ensino Supervisionada foi constituído por três Estudantes-Estagiaários, um Orientador Cooperante e um Professor Supervisor. As turmas, lecionadas de forma rotativa entre os restantes elementos do Núcleo de Prática de Ensino Supervisionada, pertenciam ao 2º e 3º ciclo, bem como ao Ensino Secundário. O principal objetivo deste trabalho é descrever a minha experiência no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, assim como refletir sobre as dificuldades encontradas e os diferentes sentimentos manifestados. Aqui serão abordados cinco tópicos principais, sendo eles: o Enquadramento pessoal e profissional, onde é feita uma breve autobiografia sobre o meu percurso e referidas as minhas expectativas iniciais; o Enquadramento institucional, ponto em que são descritos todos os elementos participantes, desde a Universidade da Maia à Escola Cooperante; a Prática profissional, a qual foca a organização e gestão do ensino e da aprendizagem; a Participação na escola e relação com a comunidade, tópico em que são relatadas as atividades realizada fora da aula, assim como os impactos da minha experiência e a socialização com os restantes membros; por fim, o Desenvolvimento profissional manifesta os constrangimentos ultrapassados e o que isso implicou na minha visão como docente, levando-me a compreender a importância da formação contínua.

PALAVRAS-CHAVE: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA; NÚCLEO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA; ESTUDANTE-ESTAGIÁRIO; EDUCAÇÃO FÍSICA; ORIENTADOR COOPERANTE; ENSINO

Abstract

This report appears as the final part of the Supervised Teaching Practice Curricular Unit, within the scope of the Master's Degree in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education at the University of Maia, during the academic year 2023/2024. The Supervised Teaching Practice took place at the Vilela School Group, belonging to the municipality of Paredes. The Internship Group was constituted by three Pre-service teachers, a Cooperating teacher and a Faculty tutor. The classes, taught on a rotating basis between the remaining Pre-service teachers, belonged to the 2nd and 3rd stages of education, as well as secondary education. The main objective of this work is to describe my experience during Supervised Teaching Practice, as well as reflect on the difficulties encountered and the different feelings expressed. Five main topics were covered, namely: Personal and professional background, where a brief autobiography is written about my journey and my initial expectations are mentioned; Institutional framework, a point in which all participating elements are described, from the University of Maia to the Cooperating School; Professional practice focuses on the organization and management of teaching and learning; Participation in school and relationship with the community, a topic in which activities carried out are reported, as well as the impacts of my experience and socialization with the other members of the school community; finally, Professional development expresses the constraints overcome and what this implied in my vision as a teacher, leading me to understand the importance of continuous professional development.

KEYWORDS: SUPERVISED TEACHING PRACTICE; INTERNSHIP GROUP; PRE-SERVICE TEACHER; PHYSICAL EDUCATION; COOPERATING TEACHER; TEACHING

Índice

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Enquadramento pessoal e profissional..... | 2 |
| 2.1. Uma decisão a partir de um percurso | 2 |
| 2.2. Expectativas iniciais..... | 3 |
| 3. Enquadramento Institucional | 5 |
| 3.1. A Importância da PES..... | 5 |
| 3.2. A PES na UMAIA..... | 6 |
| 3.3. A escola cooperante: lugar de prática | 6 |
| 3.4. Caracterização das turmas..... | 7 |
| 3.5. Caracterização do núcleo da PES..... | 8 |
| 4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção | 9 |
| 4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem | 9 |
| 4.1.1. Conceção de ensino..... | 10 |
| 4.1.2. Planeamento..... | 13 |
| 4.1.3. Realização | 14 |
| 4.1.4. A avaliação..... | 16 |
| 5. Participação na escola e Relação com a comunidade | 18 |
| 5.1. Atividades realizadas | 18 |
| 5.2. Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação | 20 |
| 5.3. Socialização profissional e institucional | 21 |
| 5.4. A Componente ético-profissional | 21 |
| 6. Desenvolvimento profissional | 22 |
| 6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão | 22 |
| 7. Reflexões finais..... | 24 |

8. Referências bibliográficas..... 26

Lista de Abreviaturas

DE - Desporto Escolar

EE - Estudante Estagiário

EF - Educação Física

UMAIA - Universidade da Maia

MED - Modelo de Educação Desportiva

MID - Modelo de Instrução Direta

NPES - Núcleo de Prática de Ensino Supervisionada

OC - Orientador Cooperante

PES - Prática de Ensino Supervisionada

RPES - Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

SV - Supervisor

UC - Unidade Curricular

UD - Unidade Didática

1. Introdução

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (RPES) surge no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada (PES), relativa ao ano letivo de 2023/2024 do Mestrado de Ensino da Educação Física (EF) nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade da Maia (UMAIA).

A PES foi realizada no Agrupamento de Escolas de Vilela, na localidade de Paredes, tendo lecionado uma turma de 2º ciclo (5º ano), uma de 3º ciclo (9º ano) e outra de ensino secundário (12º ano). Esta encerra-se como um momento incentivador, pois possibilitou a partilha e troca de experiências e conhecimentos com docentes versados, o que me ajudou a adquirir uma perspetiva real da vida como professora. Esta oportunidade realçou ainda a importância de ter capacidade de adaptação de modo a conseguir superar circunstâncias menos favoráveis, demonstrando assim a minha evolução como pessoa e como professora.

O RPES tem como objetivo relatar a experiência do EE na PES de forma objetiva e detalhada. Excetuando a Introdução, as Reflexões finais e Referências bibliográficas, o RPES divide-se em cinco capítulos principais, que abordam: o Enquadramento pessoal e profissional, onde é mencionado o percurso escolar e profissional e os motivos que levaram à escolha do curso; o Enquadramento institucional que fala da importância da PES, do papel da UMAIA, assim como da caracterização da escola cooperante e do NPES; a Prática Profissional relata a prática de ensino e aprendizagens ao longo das PES; a Participação na escola, com ênfase no envolvimento do EE na comunidade; o Desenvolvimento Profissional que discute as dificuldades encontradas ao longo da PES e a necessidade de formação contínua. Conclui com uma Reflexão final sobre toda a experiência e expectativas futuras.

O RPES surge como um momento pedagógico reflexivo onde são relatadas as minhas vivências como Estudante Estagiária (EE). Para Santos (2010), a prática reflexiva permite ao professor melhorar o seu desenvolvimento e construir a sua forma pessoal do saber tendo como referência as competências subjacentes à prática dos bons profissionais. Esta experiência mostrou-se enriquecedora para o meu desenvolvimento profissional e pessoal, visto que me permitiu refletir sobre a minha prática, nomeadamente, a minha abordagem para com os alunos e a escolha de estratégias aplicadas durante as aulas. Permitiu-me também realizar uma autoavaliação relativa aos meus conhecimentos como futura docente e de que forma poderei vir a melhorá-los.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1. Uma decisão a partir de um percurso

O meu nome é Mariana Henriques Gomes, tenho 25 anos e sou natural da cidade de Matosinhos. O desporto e a educação desde cedo desempenharam um papel fundamental na minha vida. Ao refletir sobre o meu percurso escolar é imprescindível refletir sobre o meu percurso desportivo também. A disciplina de EF sempre foi a minha disciplina preferida e a que mais me cativava, o que despertou em mim o objetivo de ingressar nessa área no ensino superior, nomeadamente no curso de Educação Física e Desporto. A prática da Natação e da Ginástica foram, também, dois pilares importantíssimos do meu percurso desportivo. Comecei a ter aulas de Natação desde bebé acompanhada pelos meus pais, aulas essas que continuaram até aos meus 14 anos. A Ginástica foi um outro grande marco na minha vida e das minhas modalidades prediletas, tendo participando em diversas competições. Participei ainda em várias atividades do Desporto Escolar tais como: Escalada, Atletismo e Corta-mato.

Alguns dos momentos mais marcantes da minha vida estão, desta forma, relacionados também ao desporto, como vencer o Corta-mato e sentir o orgulho que os meus pais, amigos e professores tinham em mim, ou as competições de Ginástica em que participei e que me ensinaram o valor do esforço e da união de um grupo. Relembro ainda, com especial carinho, a minha admissão nos pré-requisitos e o posterior ingresso na UMAIA, pois foi o culminar de muito trabalho para conseguir aquilo que sempre sonhei. Por último, não posso deixar de referir o quão impactante foi a minha primeira experiência profissional na área. Esta experiência aconteceu no ano letivo de 2022/2023, em que lectionei Atividades de Enriquecimento Curricular no contexto de Educação Física e Desporto. Foi nesse momento, no fim do ano letivo, com os feedbacks dos alunos e as suas palavras positivas, que mais uma vez percebi que era o que eu pretendia seguir a nível profissional. Outro motivo importante de referir, foi ter um professor que marcou de forma significativa e positiva o meu trajeto escolar incentivando-me e sendo um professor exemplar fazendo com que eu visse nele aquilo que desejava ser no meu futuro.

Assim, a escolha de enveredar, dentro da área do Desporto, pela Educação, surge da vontade de aliar o meu gosto pela prática desportiva à vontade de incutir em crianças e adolescentes - futuros alunos - o gosto pela atividade física, como eu própria fui inspirada por professores que tive. Na minha perspetiva de vida, mais concretamente no contexto profissional

da mesma, sinto que é importante fazermos algo que possa ter impacto no próximo e ser parte importante e fundamental do seu futuro. Lecionar a crianças ou a adolescentes, incentivando-os à prática do desporto, faz com que o meu trabalho profissional tenha um propósito útil e importante na vida de alguém. Muito mais que Desporto, a EF ensina a trabalhar em equipa, atingir objetivos comuns e a perceber que estamos mais próximos de atingir os objetivos quando trabalhamos em conjunto.

Então, no ano de 2019, consegui alcançar esse objetivo, na UMAIA e, no ano de 2022, e cada vez com mais certezas de que a Educação e o Desporto são o que eu pretendo para o meu futuro profissional, ingressei no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

2.2. Expectativas iniciais

Comecei este ano letivo motivada a desempenhar as minhas funções com empenho e dedicação, de forma a tirar o melhor proveito possível desta experiência. Foi um início marcado por grandes expectativas e, também, alguma ansiedade. Desejava uma oportunidade de crescimento, tanto ao nível pessoal como profissional, com resultados positivos. Iniciei com a expectativa de explorar mais a fundo o ensino e a área da EF, assim como as suas vertentes, de forma a aplicar todos os conhecimentos obtidos. Ansiava encontrar a melhor forma de comunicar e transmitir estes conhecimentos aos alunos, de várias faixas etárias e diferentes personalidades e, ao mesmo tempo, descobrir a melhor dinâmica de aula, de acordo com as suas características e necessidades.

Relativamente ao espaço físico, tinha expectativa de encontrar uma escola bem preparada e equipada. Tinha também boas expectativas relativas ao Orientador Cooperante (OC), pois desde as primeiras interações, durante as reuniões iniciais, demonstrou-se muito prestável e recetivo à nossa presença, mostrando-se sempre disposto a ajudar. Outro aspeto a referir é a capacidade como comunicava e se apresentava de forma tranquila e descontraída, transmitindo confiança e à-vontade, o que se refletia num bom ambiente interpessoal propício à aprendizagem. As boas expectativas estendiam-se também aos colegas do núcleo de prática de ensino supervisionada (NPES), já que nos encontrávamos na mesma situação e com os mesmos objetivos, o que poderia despoletar boas amizades e um espírito de entreajuda. Quanto ao grupo de professores de EF, a esperança era de que se mostrassem recetivos e dispostos a oferecer

apoio, o que se veio a constatar devido à necessidade de um professor do grupo de EF ceder uma turma de 5º ano, o que resultou na criação de uma forte ligação com esse professor. Essa proximidade acabou por se verificar com vários outros professores do grupo, onde por várias vezes partilharmos opiniões, experiências e vivências.

Relativamente às expectativas que tinha das turmas, apesar de positivas, vinham também acompanhadas de algum nervosismo e ansiedade. Como as turmas são sempre diferentes e com alunos de variadas personalidades, tornou-se um fator desafiante, no entanto, também podia permitir desenvolver a capacidade de adaptação, uma vez que iria lecionar turmas em diferentes ciclos, o que implica diferentes formas de abordagem. Isto é, diferentes estratégias, métodos ou técnicas consoante as características e necessidades dos alunos. Como iria lecionar alunos de diferentes ciclos, precisaria de ajustar a minha conduta de acordo com o nível de maturidade, conhecimento prévio e estilo de aprendizagem dos alunos. No que diz respeito aos momentos de realização da prática, posso dizer que os mesmos, numa fase inicial, suscitavam um misto de sentimentos entre o querer aprender sobre o modo como as coisas são feitas na prática e o receio existente sobre as minhas próprias capacidades, para que esses momentos fossem executados com sucesso.

Quanto ao planeamento, senti que as bases que adquiri no primeiro ano do Mestrado foram importantes para perceber o que melhor se iria enquadrar nas aulas, consoante o tempo, espaço e número de alunos existentes. No que concerne à intervenção, sentia que podia ser um grande desafio para mim, visto que uma certa fragilidade podia estar associada a um primeiro impacto da minha presença. Apesar das Atividades de Enriquecimento Curricular que anteriormente lecionei, o facto de as idades dos alunos serem completamente diferentes fazia com que essa pequena experiência acabasse por não ter grande peso para esta experiência. Por fim, a avaliação seria um momento em que colocaria à prova a minha competência enquanto EE. Se, por um lado, estava em causa uma correta avaliação dos alunos, a verdade é que a mesma também só podia ser corretamente realizada se os conteúdos tivessem sido lecionados da melhor forma. A avaliação não se trata apenas de perceber o que o aluno sabe, mas também é o momento em que se percebe se a mensagem professor-aluno foi transmitida de uma forma clara e objetiva. Só assim poderia fazer uma correta avaliação do desempenho dos alunos aliada, também, a princípios básicos de justiça e igualdade. Inicialmente, o nervosismo seria inevitável, pois tinha a noção de que teria, a todo o custo, de ultrapassar as minhas dificuldades, o que só se viria a verificar com bastante trabalho e dedicação.

3. Enquadramento Institucional

3.1. A Importância da PES

A PES permite desenvolver competências profissionais e interpessoais através de interações com o ambiente escolar, nomeadamente, outros professores. Isto, aliado às variadas reuniões, desde as reuniões de início de ano letivo, como também de direção de turma, proporcionou-me uma melhor compreensão das dinâmicas e responsabilidades de um professor além das aulas, assim como do funcionamento da escola. Foi igualmente importante refletir sobre a experiência e demais dificuldades encontradas para poder construir e moldar a minha atuação enquanto docente.

A PES, vulgo estágio, é fundamental para uma eficaz transição entre o contexto universitário e o profissional. Esta permite a aplicação prática dos conhecimentos teóricos aprendidos durante os anos de licenciatura e mestrado. Permite o desenvolvimento de várias habilidades, no que diz respeito ao planeamento, gestão e realização das aulas, assim como a capacidade de solucionar imprevistos que possam surgir. Tal como Amaral da Cunha (2016) refere, o estágio desempenha na formação do docente a facilidade da conexão entre a teoria que o estudante aprende, sobre como ensinar, e a prática vivida no contexto de ensino.

A PES, sendo uma abordagem prática de todos os conhecimentos adquiridos, faz com que tenhamos uma aproximação real do contexto profissional de um professor. A introdução dos alunos num contexto real de aulas com o supervisionamento de um OC faz com que os EE aprendam a orientar turmas de variados anos, mas com o apoio de alguém experiente para nos ajudar e esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir.

De acordo com Seabra et al. (2016), a realização da PES faz com que a transição de estudante para professor seja efetuada com segurança, pelo acompanhamento de um profissional que tem toda a experiência que só a prática nos permite alcançar. De facto, durante a PES, é-nos ainda fornecido um feedback direto e imediato, tanto por parte do OC e Supervisor (SV), visto que podemos contar com os seus pareceres baseados nos anos de experiência e conhecimento, como dos alunos, pois podemos observar de forma prática se as escolhas pedagógicas são bem aplicadas e se demonstram resultados positivos.

Apesar de constituir o trabalho final para conseguir o grau de Mestre no ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário, a PES foi um processo essencial, não só

durante o estágio, como também na construção da minha futura prática e identidade profissional.

3.2. A PES na UMAIA

A UMAIA, relativamente ao Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, fornece ferramentas e apoio aos alunos, para que estes estejam devidamente preparados, para no futuro fazerem a diferença no ensino e nos seus alunos. No Mestrado referido anteriormente, observamos uma abordagem teórico-prática onde no primeiro ano temos aulas de componente, essencialmente, teóricas e no segundo ano, com a PES, uma abordagem de cariz prática. A conciliação destes dois tipos de abordagens faz com que seja um mestrado completo e que atende as necessidades dos alunos, sendo uma formação completa para o exercício da profissão.

A PES divide-se em dois momentos: a prática supervisionada e o RPES. A PES visa inserir o EE no ambiente escolar, com o objetivo de desenvolver competências profissionais sob supervisão e orientação de um OC. A realização da PES organiza-se em agrupamentos de escolas do ensino básico e secundário mediante protocolo entre a UMAIA e a instituição de ensino. Os EE, que são inseridos num NPES com 2 a 4 elementos, são acolhidos por um OC que os acompanha durante o ano letivo dando apoio, aconselhamento e feedback e são, também, acompanhados por um SV que orienta e dá o seu parecer relativo à prática dos EE e guia e coordena a elaboração do RPES.

Além de lecionar e observar as aulas dos demais EE do NPES, o EE deve envolver-se em diversas outras atividades alusivas à disciplina de EF, com o propósito de entender todo o processo logístico por trás do planeamento e realização das mesmas. Deve, também, comparecer às reuniões do Grupo Disciplinar e Direção de Turma do OC. Mais ainda, deve procurar inserir-se no Desporto Escolar (DE) auxiliando na organização e treinos.

3.3. A escola cooperante: lugar de prática

A PES foi realizada na Escola Básica e Secundária de Vilela, de ensino público, pertencente, juntamente com mais quatro instituições, ao Agrupamento de Escolas de Vilela, situado na freguesia de Vilela. Esta freguesia é uma das mais povoadas do concelho de Paredes, com uma comunidade local de 5160 habitantes e 4,7km², além de ter como principal ponto de

visita o seu antigo Mosteiro. Tem um passado predominantemente rural, o que não acontece nos dias de hoje, pois a indústria apresenta um maior peso relativamente à agricultura. Diversos setores industriais, com maior relevo para as madeiras, marcam a vida desta comunidade.

Esta escola é um elemento central na comunidade local e desempenha um papel importante na educação das crianças e adolescentes desta região. A escola cria projetos inovadores e diferenciados para promover a qualidade e inovação na educação dos seus alunos, alguns dos quais enquadrados no âmbito do Erasmus+ e do eTwinning. Trata-se também de uma escola inclusiva, pois promove um ambiente de aprendizagem focado em acolher e atender as necessidades de todos e de cada aluno.

Em relação às instalações associadas à prática desportiva, estas são modestas, mas perfeitamente adequadas. A escola dispõe de um espaço coberto, onde se encontra o pavilhão e o ginásio, que reúne todas as condições e materiais necessários para lecionar as aulas. Dispõe também de um espaço descoberto destinado a atividades curriculares de EF, podendo também ser utilizado pelos alunos sempre que estiverem desocupados e que não se encontrem em tempo de aulas. Dispõe ainda de material para realização de modalidades adaptadas para alunos com necessidades educativas. A escola faculta a prática de modalidades, tais como Voleibol, Futsal, Golf, Ténis e Boccia, inseridas no Desporto Escolar, incentivando os alunos à prática de Exercício Físico. A escola provê, ainda, de balneários interiores e exteriores, totalmente funcionais, apresentando as condições necessárias para a higiene dos alunos, no âmbito das aulas de EF.

A escola é composta por uma comunidade de profissionais qualificados, onde os professores não transmitem apenas conhecimento, mas também tem como objetivo inspirar, motivar, orientar e preparar os alunos para enfrentarem os desafios da vida. Muitos destes professores têm uma ligação próxima com a comunidade, o que facilita a compreensão da realidade socioeconómica e cultural dos alunos, permitindo adequar a abordagem pedagógica às necessidades da comunidade. Além dos professores, os auxiliares de ação educativa desempenham um papel crucial na escola, mantendo tudo em funcionamento e as instalações em perfeitas condições.

3.4. Caracterização das turmas

Foram-me atribuídas três turmas partilhadas com os meus dois colegas. Essas três turmas eram de diferentes anos de forma que pudemos vivenciar diferentes faixas etárias. Foi realizada

uma distribuição rotativa das turmas e modalidades a serem lecionadas para podermos perceber as diferentes dinâmicas e desafios que pudessem surgir, fossem eles dinâmicas relacionadas ao ambiente e comunicação, como a interação entre os alunos, comportamentos disruptivos ou dificuldades na comunicação entre aluno-professor como desafios relativos a gestão de níveis de conhecimentos prévios, e gestão de tempo. Fiquei encarregue de lecionar turmas de 5º, 9º e 12º ano.

A turma de 5º ano era composta por 20 alunos, dos quais 14 rapazes e 6 raparigas, todos eles com 10 anos de idade. Visto que esta turma estava a ter o seu primeiro contacto com a disciplina de EF, foi importante inculcar algumas regras e conceitos básicos fundamentais para uma boa conduta de aula. A turma de 9º ano era composta por 20 alunos, sendo 12 raparigas e 8 rapazes. Mostrou-se uma turma de fácil interação, onde foi possível estabelecer uma boa relação professor-aluno, o que também fomentou a adesão dos alunos às atividades e exercícios realizados nas aulas. Por último, a turma de 12º ano era formada por 29 alunos, 13 raparigas e 16 rapazes, dos quais um aluno que apresenta necessidades educativas. Esta turma, apesar de ser uma turma numerosa, o que requereu uma maior logística em termos de organização, era de alunos empenhados e agradáveis de trabalhar.

Senti que lecionar diferentes níveis de escolaridade desenvolveu a minha capacidade de adaptar o ensino devido aos distintos perfis e níveis de turma. Em particular, foi necessária a implementação de diferentes estratégias, visto que cada turma tinha as suas particularidades e personalidades, o que me permitiu criar diferentes dinâmicas de ensino, de acordo com a necessidade encontrada e auxiliou a fomentação da minha capacidade de adaptação.

3.5. Caracterização do núcleo da PES

O NPES caracteriza-se pelo OC, três Estudantes Estagiários e o SV. O OC, o Professor David Magalhães, destacou-se pela prestabilidade e prontidão no auxílio e acompanhamento durante a PES, o que me permitiu ter o à-vontade necessário para expor qualquer tipo de dúvida e insegurança que surgissem. Amaral da Cunha (2016) considera o papel do OC de grande importância pois facilita a articulação entre a teoria e a prática, gerando um espaço propício ao desenvolvimento profissional. Para além disso, o OC não se limitou a transmitir os conhecimentos que tem sobre a área, mas também se preocupou em transmitir conselhos adquiridos ao longo dos diversos anos de experiência profissional que tem, dando-nos assim todas as ferramentas e apoio necessários para o nosso desenvolvimento profissional.

O SV, o Professor Doutor Rui Araújo, desempenhou um papel crucial neste processo, pois sempre se mostrou disponível para nos auxiliar e transmitir críticas construtivas. As aulas supervisionadas foram fundamentais para obter feedback sobre o nosso progresso, desde a construção dos planos de aula, até à atuação, sendo determinante para a evolução de cada um. O facto de o feedback ser emitido por alguém que foi parte ativa na formação do nosso conhecimento, uma vez que foi nosso docente, também foi importante pois já conhecia algumas das nossas limitações e, desta forma, conseguiu ter melhor perceção da nossa evolução e dos pontos a melhorar.

A socialização com os colegas da PES também se destacou de forma positiva e enriquecedora pois permitiu a partilha de experiências, ideias e expectativas. Esta colaboração é essencial para a construção de uma identidade profissional robusta e um ambiente de aprendizagem colaborativo, como destaca Alves (2018). De acordo com Wenger (1998), uma comunidade de prática é formada por um grupo de pessoas que partilham interesses comuns, com o objetivo de aprimorar as suas atividades através da prática contínua. A integração na PES entendida como uma comunidade de prática, ressaltou a relevância da troca de conhecimentos, do apoio de profissionais mais experientes e da colaboração entre todos os envolvidos no processo. Além disso, essa cultura presente na comunidade contribui para o desenvolvimento, tanto das habilidades técnicas, quanto da formação ética e profissional.

4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

A organização e gestão do ensino e aprendizagem baseia-se em quatro pilares fundamentais: conceção de ensino; planeamento; realização; avaliação. A conceção de ensino baseia-se em princípios e estratégias pedagógicas que influenciam a prática educativa. Esta conceção molda-se consoante as necessidades dos alunos, as teorias educacionais e contexto socioculturais. O planeamento consiste na organização prévia com o propósito de alcançar objetivos estabelecidos. Envolve análise, antecipação e elaboração de atividades, estratégias e recursos. A realização refere-se ao cumprimento e realização das atividades e projetos. Por último, a avaliação refere-se à recolha de informação relativa ao desempenho dos alunos. Estes quatro pilares podem ser definidos de diferentes formas, consoante necessidade de aplicação.

Esta organização é uma tarefa importante a desempenhar na PES, uma vez que consiste na aplicação prática de toda a preparação e gestão realizada pelo EE. Por isso, mais à frente, ainda neste capítulo, serão relatados acontecimentos significativos que ocorreram durante a PES relativos a estes princípios.

4.1.1. Conceção de ensino

A conceção de ensino não contém uma definição unânime, mas está intrinsecamente associada as palavras conceção, crença e conhecimento. Para Lam e Kember (2006), as abordagens de ensino estão associadas à forma como as crenças dos professores são postas em prática. De acordo com determinados modelos de crenças e conhecimentos dos professores, estes podem ser influenciados pelo contexto imediato, onde se incluem a sala de aula, os alunos e os conteúdos; pelos contextos alargados do estado e políticas nacionais; e pelo contexto das normas culturais e valores.

Outros autores, como é o caso de Freire (1999), utilizam o termo conceção de ensino para descrever pensamentos dos professores, não distinguindo entre crenças e conhecimentos. Para além do referido, Freire prevê quatro componentes de conceção de ensino: alunos e aprendizagem professor e ensino; disciplina científica de ensino; e contexto de ensino.

A conceção de ensino mostra-se, assim, como um conjunto de ideias que persuadem as perceções e práticas dos professores, por isso, contribuem para uma compreensão mais profunda da influência que as dinâmicas pedagógicas têm sobre as metodologias aplicadas. Isto demonstra um cenário equilibrado das diferentes perspetivas relativas à conceção de ensino o que mostra que as implicações e práticas dos professores são afetadas por múltiplos fatores. Estas diferentes perspetivas entre autores contribuem para uma compreensão mais abrangente, refletindo a complexidade da educação.

Como nos mostra Capelo (2000), um dos princípios da teoria de Carl Rogers aplicada na educação é a aprendizagem centrada no aluno. A minha visão de conceção de ensino baseia-se nos princípios teóricos de Carl Rogers, promovendo uma aprendizagem ativa, dinâmica e adequada, colocando os mesmos como participantes ativos no processo de aprendizagem. Cada aluno tem as suas particularidades e possui ritmos e estilos de aprendizagem diferentes, por isso defendo que o ensino deve ser moldável para atender essas necessidades individuais de cada aluno.

O professor deve atuar como orientador e facilitador na transmissão de conteúdo, criando um ambiente de aprendizagem estimulante e apoiando os alunos no seu desenvolvimento, transmitindo feedback construtivo e criando oportunidades para os alunos aprofundarem o seu conhecimento de forma autónoma. Este deve também encontrar-se em constante aprendizagem de novos conhecimentos e também atualizado relativamente à matéria. Este cuidado inicia logo durante a PES, onde o EE tem de desempenhar esse papel de professor e procurar obter o máximo de conteúdo atualizado de forma a não comprometer o processo de ensino e aprendizagem.

O trabalho em equipa e a colaboração entre alunos, por sua vez, são essenciais para desenvolver habilidades pessoais e sociais, pois a troca de ideias e a cooperação aprimoram o processo de aprendizagem. O ensino deve ser inclusivo e respeitar a diversidade de cada aluno, criando um ambiente propício à aprendizagem onde todos se sintam incluídos, independentemente das suas habilidades ou necessidades especiais.

4.1.1.1. Modelos de Ensino

Existem diversos Modelos de Ensino, o que possibilita uma melhor adaptação da leção, consoante as especificidades de cada turma. Estes diferem entre modelos centrados no professor, baseando-se numa instrução direta e numa transmissão clara dos conhecimentos, e modelos centrados no aluno, que o colocam como figura central no processo de aprendizagem, permitindo o desenvolvimento da sua autonomia e uma participação mais ativa.

Inicialmente, enquanto ainda me familiarizava com as turmas, e procurava perceber as suas particularidades, escolhi utilizar o Modelo de Instrução Direta (MID). De acordo com Pereira et al (2013), tradicionalmente, este modelo é o mais aplicado pelos professores, por lhes atribuir um papel mais central, enquanto os alunos assumem uma posição passiva, destacando-se a repetição dos conhecimentos transmitidos. Sendo um modelo mais centrado no professor, este permitiu-me maior liberdade na aplicação dos conteúdos, ao mesmo tempo que descobria melhor as individualidades dos alunos. O MID caracteriza-se por ser uma abordagem pedagógica que prioriza a clareza na transmissão do conteúdo, garantindo um acompanhamento mais focado no desenvolvimento individual das habilidades motoras do aluno. A escolha da aplicação deste modelo deveu-se, também, ao facto de que, na turma de 5º ano, os alunos se encontram numa fase introdutória das modalidades. Por esse mesmo motivo, acredito que

consegui transmitir de forma mais objetiva o conteúdo a ensinar nas aulas, assim como fornecer feedbacks construtivos, tal como mostra o seguinte excerto da minha Reflexão:

“Visto que, no 5º ano, os alunos estão a ter o seu primeiro contacto com a EF e as modalidades estipuladas, isso exige da minha parte uma explicação mais teórica e com especial cuidado na transmissão clara dos conteúdos. Por isso, achei prudente adotar o MID, dando ênfase ao papel do professor como figura central, permitindo-me conhecer melhor as individualidades de cada aluno, de forma que se sintam mais bem orientados e que recebam um feedback imediato da minha parte. ”

(Reflexão, Plano de aula 1 e 2, 05 de dezembro 2023)

Posteriormente, depois de avaliadas as particularidades da turma do 9º ano, e por esta ser composta por alunos interessados e motivados, achei interessante a implementação do MED, no âmbito das modalidades alternativas. Segundo Siedentop (1994), o MED mostra-se como um modelo inovador e pouco convencional, onde a experiência dos alunos é desenvolvida e amplificada. De acordo com o autor, este método foi criado para permitir que os alunos tenham uma prática desportiva mais autêntica em contexto escolar. O MED tem o propósito de dotar os alunos com pensamento tático e estratégico, de os fazer compreender valores, tradições e regras desportivas e incentivar a sua participação. O modelo valoriza o cumprimento das regras e o fair-play, beneficiando assim a participação dos alunos e o seu desenvolvimento holístico, ao promover valores como respeito e responsabilidade. O MED adequa-se a alunos com diferentes níveis de habilidades, possibilitando a participação de todos para que possam contribuir de alguma forma, o que fomenta a diversidade, num ambiente inclusivo.

“Fazendo uso do MED, atribuí tarefas divididas por papéis, como treinador, capitão, analista, analista de Fair Play e os alunos que não realizavam a prática ficaram encarregues de arbitrar os jogos. (...) Esta distribuição de funções, consoante a aplicação do modelo de ensino, fez com que a aula se tornasse mais dinâmica e com maior participação dos alunos, uma vez que lhes dá mais autonomia.”

(Reflexão, Plano de aula 1 e 2, 09 de abril 2024)

4.1.2. Planeamento

O planeamento auxilia no processo de ensino de forma a estimular consideráveis aprendizagens dos alunos a que se destina (Matos, 2010). Bento (2003) divide a planificação no âmbito escolar em Planificação Anual, Unidades Didáticas e Planos de Aula, devendo estes estar interligados de forma a potencializar a qualidade do ensino.

No início do ano letivo, foi realizada uma reunião com o grupo de EF onde foi feito um Planeamento Anual com a distribuição rotativa das turmas e modalidades a serem lecionadas por cada EE. A distribuição dos respetivos espaços foi feita através do roulement, onde, de forma rotativa, os docentes iam alternando a utilização dos espaços para a prática das modalidades correspondentes com as suas turmas. Desta forma, os EE, através de uma organização prévia, tinham conhecimento do espaço e de quando iam lecionar as modalidades e podiam estruturar da melhor forma as respetivas aulas, o que levou a que não houvesse muitas dificuldades neste âmbito. Esta distribuição foi ainda vantajosa, porque me permitiu ter a experiência de lecionar alunos em diferentes fases de aprendizagem, isto é, no 5º ano estes estavam a ter os seus primeiros contactos com as modalidades, exigindo assim uma explicação mais detalhada da parte teórica, algo que não se verificou nos 9º e 12º anos, visto que os alunos já tinham passado por essa fase introdutória.

As Unidades Didáticas permitem organizar e planear o ensino de uma modalidade em específico. Esta inclui objetivos de aprendizagem, conteúdo, atividades de ensino, avaliação, recursos, um cronograma e estratégias de diferenciação para atender às necessidades dos alunos. É uma ferramenta essencial no planeamento educacional para criar uma experiência de aprendizagem coesa e direcionada, sendo que este planeamento permite aos docentes adaptar as práticas de ensino de modo a atender às diversas habilidades e estilos de aprendizagem (Tomlinson, 2001). Para realizar as UD, utilizei o modelo Backward Design com o objetivo de alcançar um Big Picture Goal. Este modelo de planeamento ajudou-me a identificar os resultados que deveriam ser atingidos. A finalidade do Backward Design é permitir uma abordagem mais focada nos alunos e com objetivos educacionais alargados. Este planeamento permitiu-me garantir que a turma alcançasse o “Big Picture Goal”, ou seja, atingir com sucesso os objetivos delineados ao longo de toda a UD.

As modalidades lecionadas, no caso, foram Voleibol, Ginástica de Solo e Aparelhos, Ginástica Acrobática e Dança e, por fim, modalidades alternativas, sendo estas Corfebol e Tag-Rugby. O planeamento destas UD teve na sua base uma avaliação diagnóstica inicial e,

consequentemente, os necessários ajustes ao longo do decorrer das aulas. A avaliação diagnóstica inicial foi extremamente importante para a criação da UD pois, através desta análise prévia, consegui identificar o nível da turma, mais concretamente as suas dificuldades e pontos fortes. Por sua vez, consoante as turmas iam consolidando os conhecimentos, era necessário ir ajustando a UD de acordo com as observações e reflexões, atendendo às necessidades dos alunos ou caso algum conteúdo necessitasse de mais tempo para a devida aprendizagem.

Ao longo das aulas senti algumas dificuldades, sendo uma delas, a termo de exemplo, as alterações nos calendários de atividades dos alunos o que não lhes permitia comparecer às aulas de EF, encurtando o número de aulas disponíveis. Isto acabava por, de certa forma, prejudicar os alunos uma vez que em certos conteúdos, devido a esta falta de tempo, não consegui atingir todos os objetivos que tinha estipulado.

Relativamente aos Planos de Aula, estes estavam organizados em 3 partes: inicial, fundamental e final. Neles estavam discriminados o tempo de duração e a descrição dos exercícios, os objetivos específicos, os critérios de êxito dos mesmos e os respetivos esquemas. Apesar de serem realizados previamente, senti, também, dificuldade na implementação dos planos, devido a diversos fatores externos, que implicavam reajustes no decorrer das aulas. Estes eram adaptados mediante necessidades e características próprias da turma, pois, por vezes, os exercícios inicialmente idealizados, no contexto prático, não apresentavam os resultados pretendidos sendo necessário alterá-los.

No entanto, apesar dos Planos de Aula serem previamente elaborados, é importante que haja flexibilidade na alteração dos mesmos. Como referem Tullio e Maciel (2020), os planos de aula são meramente um guia e não um plano definitivo, uma vez que as condições em aula estão sempre sujeitas a alterações e imprevistos. No decorrer das aulas os planos vão inevitavelmente sofrendo alterações em função das situações específicas de cada aula, o que ajudou a desenvolver o meu lado mais dinâmico e pragmático.

4.1.3. Realização

4.1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica

Siedentop (1983) considera os pilares das dimensões de intervenção pedagógica: instrução, gestão, clima e disciplina. Estas dimensões são elementos cruciais na prática

educativa do professor. De seguida, serão abordados de forma individual cada um destes pontos, mencionando as estratégias que adotei e as dificuldades encontradas durante a PES.

Especificamente, considero que a base da minha instrução assenta numa comunicação clara e concreta dos objetivos para a aula, tendo sempre em consideração as especificidades de forma a atender às necessidades de cada turma e alunos. Garantir que estes fiquem esclarecidos relativamente àquilo que lhes é pedido é um dos cuidados que procuro sempre ter. Nesse seguimento, acredito que a instrução em EF deve estar aliada à demonstração, o que permite uma melhor compreensão dos exercícios e técnicas a serem abordados, reduzindo a probabilidade de surgirem incertezas, como defendem Tonello e Pellegrini (1998). Foi importante para mim garantir que a minha prática instrutiva fosse capaz de transmitir aos alunos feedback construtivo, através de atividades e exercícios diversificados. Posto isto, o intuito era tentar captar a atenção e o interesse dos mesmos, sempre com o cuidado de garantir que todos pudessem participar, sentindo-se bem integrados.

Durante a PES, foi possível identificar alguns campos onde tive mais dificuldade como, a termo de exemplo, a minha dificuldade em colocar a voz de modo a conseguir captar a atenção dos alunos. Isto fez com que tivesse de desenvolver estratégias de modo a colmatar essa mesma dificuldade. Neste caso, a solução que encontrei foi a utilização do apito em aula. Ao longo do ano, fui também percebendo que deveria ser mais presente, no sentido de emitir mais feedback, de ser mais dinâmica, segura das minhas ações e mais vocal. Assim, procurei ter o cuidado de ir alterando e melhorando essas questões na minha intervenção. No entanto, desde o momento inicial, que senti que todos os alunos, desde os mais novos aos mais velhos, me respeitavam e eram cooperantes com tudo o que eu propunha. A falta de uma certa presença e autoridade que a minha postura pudesse transparecer foi colmatada com o meu lado mais compreensivo e calmo. Constatei que podemos ter a admiração e atenção dos alunos através de outras formas e a comprovação disso foi o feedback positivo e o apreço que recebi dos alunos.

Ao longo da PES, defini estratégias que permitissem melhorar a minha gestão das aulas. Em relação à gestão do tempo, procurei sempre iniciar as aulas pontualmente e inculcar o mesmo aos meus alunos. Preparava atempadamente os materiais de forma a conseguir rentabilizar o tempo e, sempre que possível, preparava o exercício seguinte, enquanto os alunos ainda realizavam o anterior, tentando ao máximo não quebrar o ritmo da aula. Para a gestão do espaço, fazia sempre uma organização prévia com outros professores relativa à distribuição das áreas do pavilhão, o que foi crucial para evitar constrangimentos, visto que tinha de considerar também o tamanho das turmas para poder gerir o espaço da forma mais eficiente.

Como afirma Silva (2017), a disciplina é também necessária na aula para manter a ordem e criar um ambiente propício à aprendizagem. Num primeiro contacto com uma nova turma deixava claro as regras comportamentais e de segurança para que as aulas pudessem decorrer da forma mais fluída e controlada possível. Estas regras consistem em seguir as orientações do professor, manter a ordem nos momentos de espera, demonstração e instruções, o uso responsável dos espaços e equipamentos assim como o cuidado na sua preservação e o respeito pelos outros. Neste campo não tive grandes dificuldades ou obstáculos uma vez que as turmas que lecionei eram bastante cooperantes e com raros comportamentos desviantes o que permitiu que as aulas decorressem de forma descomplicada.

Todas as minhas estratégias como EE visavam criar e manter um clima de aula favorável para alcançar os objetivos estabelecidos e gerar uma boa relação professor-aluno. Na minha vivência da PES, considero que as turmas que lecionei foram bastante disciplinadas facilitando e beneficiando o ambiente educativo. O clima na aula desempenha um papel fundamental no processo educacional, pois um ambiente positivo e inclusivo é essencial para o desenvolvimento dos alunos. Assim, tornou-se necessária a criação de um espaço onde estes se sentissem seguros para expressar as suas ideias, fazer perguntas e colaborar com os colegas. O respeito mútuo, a empatia e a valorização da diversidade contribuem para um clima saudável, segundo Júnior et al. (2023). Como EE considero que desempenho um papel importante na criação e manutenção desse ambiente estimulante.

4.1.4. A avaliação

Bratfische (2003) defende que as avaliações devem ser utilizadas como instrumento fornecedor de informações, as quais permitem detetar as competências mais desenvolvidas do aluno, permitindo-o assim refletir sobre o seu progresso e continuar a investir no seu crescimento. Esta está subdividida em três modalidades: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

O primeiro momento de avaliação realizado foi a avaliação diagnóstica. A avaliação diagnóstica tem o propósito de verificar o nível do de conhecimentos do aluno relativamente as aprendizagens que lhe serão apresentadas e também em relação aos conteúdos de anos anteriores. Isto possibilita antecipar possíveis dificuldades futuras e, em alguns casos, solucionar adversidades atuais (Ferreira, 2005). Esta teve o propósito, também, de identificar o nível de aptidão teórica e prática dos alunos para uma melhor construção das UD. Esta avaliação

foi realizada através de uma grelha de observação com diversos parâmetros técnicos e táticos consoante a modalidade, que seriam observados e avaliados.

De acordo com Leitão, I. A. (2013), a avaliação formativa corresponde ao próprio ensino; ao lecionar, o professor utiliza métodos pedagógicos que estabelecem uma relação educativa, permitindo ao aluno ter plena consciência de nível de aprendizagem em que se encontra e, assim desenvolver formas de progredir. No que diz respeito à avaliação formativa, ao longo das aulas fazia sempre um registo do desempenho dos alunos, o que permitia, posteriormente, uma decisão mais detalha das classificações, na avaliação sumativa. Ou seja, esta avaliação passou por uma recolha de informação contínua e permitiu observar em maior detalhe a evolução dos alunos no decorrer das aulas, assim como identificar aqueles que podiam estar com mais dificuldades. Isto permitiu-me direcionar mais atenção aos mesmos com o intuito de ultrapassar as dificuldades destes alunos. Outros domínios que também eram observados e anotados através desta avaliação eram a assiduidade, a pontualidade e o cumprimento de regras, critérios estes que teriam também, posteriormente, peso na classificação final.

Por último, na avaliação sumativa, mediante a modalidade, eram criadas estratégias para conseguir avaliar os alunos de forma imparcial. Segundo Fernandes, D. (2019), a avaliação sumativa possibilita a recolha de informações essenciais, em momentos planeados, para a classificação final dos alunos. Nas modalidades coletivas as estratégias que utilizava para avaliar os alunos era separá-los em pequenos grupos, de níveis equivalentes, para que a avaliação fosse justa. Neste momento de avaliação, uma dificuldade que senti ao avaliá-los foi a questão de ter de avaliar vários alunos ao mesmo tempo e conseguir dar a devida atenção a cada um. Esta avaliação realizou-se no final de cada modalidade, onde eram atribuídas classificações qualificativas às competências adquiridas pelos alunos. A ferramenta utilizada foi uma grelha no Excel onde constavam parâmetros relativos a aspetos técnicos e táticos específicos de cada conteúdo ensinado. Foram também realizados testes do FITescola e testes teóricos realizados na plataforma do Google Forms, respondendo a questões de escolha múltipla, acerca da modalidade ensinada em aula. Considerei este último método deveras intuitivo e acessível, pois permitiu-me compreender o nível de atenção dos alunos em contexto de aula. No entanto, visto que se realizavam nos dispositivos móveis dos próprios alunos, acredito que isso levasse a que os resultados não fossem tão autênticos, pois podiam procurar ajuda online, apesar de tentar ao máximo certificar-me de que não o fizessem.

No final de cada semestre, os alunos realizaram também uma autoavaliação, com o intuito de refletirem sobre o seu desempenho e comportamento durante as aulas. Com o diz Grillo e Freitas (2010), a autoavaliação possibilita ao aluno um momento de reflexão e orientação de conhecimentos e comportamentos durante o ano letivo, sob supervisão do professor, o qual analisa e avalia os seus resultados. Considero isto fundamental porque permitiu um momento reflexivo por parte do aluno. Além de os consciencializar do seu progresso e os responsabilizar pelo seu trabalho e esforço ao longo do ano.

5. Participação na escola e Relação com a comunidade

5.1. Atividades realizadas

Para além da lecionação das aulas, auxiliamos o nosso OC no DE. A escola dispõe de diversas modalidades, estando nós encarregues das modalidades de Voleibol e Golfe. Esta última realizava-se com os alunos de outra escola do agrupamento (Escola EB 2/3 de Rebordosa), no Campo de Golfe do Aqueduto.

Ainda no âmbito do DE, no dia 28 de setembro, realizou-se a atividade do Dia Europeu do Desporto, que consistiu na prática das modalidades inseridas no desporto escolar. Enquanto EE, a nossa função na preparação dessa atividade foi prestar auxílio na prática das modalidades, incentivar os alunos a integrarem o DE e supervisionar. O nosso objetivo com esta iniciativa foi promover a prática de desporto, criando hábitos saudáveis nos alunos.

Foi-nos proposto, pela professora de biologia do 12º ano, a criação de uma coreografia, com os alunos, alusiva ao cancro da mama. Nesta atividade participou a respetiva turma juntamente com a do 9º ano. A apresentação “Onda Rosa” decorreu no dia 27 de outubro. Senti que esta atividade foi muito desafiante, pois tivemos de transmitir a sensibilidade da causa através da dança.

Graças à PES, tive oportunidade de participar na organização e coordenação de vários eventos escolares. No corta-mato onde desempenhei funções como preparação do percurso e respetivos equipamentos, fui uma das responsáveis pela organização e distribuição de águas, frutas e lanches, fui destacada para um dos postos para dar indicações e direções e, no final, fui uma das responsáveis pela entrega das medalhas. No torneio de futsal, fui responsável pelo registo das pontuações e resultados e entrega de coletes às respetivas equipas. Adicionalmente,

fiquei encarregue do registo fotográfico do evento. A participação neste torneio foi importante pois permitiu entender a logística de um evento realizado pelo grupo de professores do DE. No mega atleta, fiquei encarregue de preparar os materiais necessários para a realização do mesmo, assim como pelo registo das posições e classificações dos elementos participantes. E, por fim, no torneio de badminton, preparei os respetivos campos para os jogos e fiquei responsável por organizar e preparar a ordem dos jogos mediante classificações obtidas pelos participantes. Foi bastante gratificante fazer parte destes projetos, pois deram-me a possibilidade de melhor compreender a logística por detrás de uma atividade escolar. Desempenhar estas diversas funções no âmbito desportivo, contribuíram para fortalecer o meu sentido de responsabilidade na ótica de docente. Isto também permitiu uma maior convivência com outros professores o que permitiu ter outras perspetivas e ouvir e conhecer outras vivências.

O NPES ficou encarregue de participar na realização de um seminário no decorrer da PES. Dos assuntos abordados, o nosso NPES achou mais oportuna a escolha do projeto “Desporto escolar uma visão plural”, da autoria do Professor Doutor Rui Resende, uma vez que o mesmo já tinha sido explorado anteriormente no âmbito da UC Projetos de Intervenção I e, também, porque a escola em que estamos inseridos integra esta atividade extracurricular, na qual participamos. Este projeto foi importante para percebermos a logística por detrás do DE e, principalmente, compreender a perceção dos principais agentes encarregues desta atividade extracurricular. Com isto, entende-se que, para melhorar a exploração do DE em Portugal, é necessária uma abordagem holística, que envolve várias áreas a serem aprimoradas.

Esta escolha baseou-se em lacunas observadas relativamente ao DE no Agrupamento de Escolas de Vilela, sendo elas: a baixa adesão por parte dos alunos, conflitos de horários e falta de material para a realização do mesmo, pouca variedade de opções de escolha, entres outros. Após ponderação e entendimento que estas problemas tinham a sua origem na organização e estruturação ficou decidido que o seminário seria destinado aos professores do agrupamento e não aos alunos, como tentativa de solucionar estes mesmo problemas anteriormente referidos.

Foi ainda desenvolvido pelo NPES um Evento Anual. Um Mini Trail a decorrer no trilho situado ao lado da escola onde se realizou a PES. A organização do mesmo iniciou-se pela criação de um mapa com o respetivo percurso e sinalizações necessárias, para posterior entrega aos alunos. Devido ao facto de a atividade se realizar fora do recinto escolar foi necessário, também, a criação de documentos de pedido de autorização para saída da escola para os participantes entregarem aos Encarregados de Educação. A organização deste evento teve um impacto muito importante no desenvolvimento da minha formação visto ter sido a primeira vez

em que pude ser parte ativa na organização dum evento. Ao organizar este evento consegui ter uma noção da dinâmica e logística que uma atividade deste género envolve, passando por diversas fases que levam ao projeto final. Neste caso em concreto, foi necessário pedir as autorizações devidas à direção da escola e aos encarregados de educação, elaborar ações de promoção do evento, como a realização de cartazes descritivos do evento, preparação e estudo dos percursos que melhor se adequam à atividade e ainda auxiliar os alunos no dia do evento.

5.2. Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação

O NPES tem como principal responsabilidade orientar os alunos, apresentando um papel impactante na sua formação e influenciando a forma como contribuem para a sociedade. O seu papel torna-se ainda mais importante devido ao contexto em que vivemos, pois, o sedentarismo e a obesidade infantil são problemas muito presentes na atualidade. Posto isto, o EE deve procurar formas de estimular a capacidade de consciencialização do aluno, fomentando atividades que promovam um estilo de vida saudável. O EE não se deve apenas limitar a lecionar as aulas e a transmitir conteúdos, pois deve também participar produtivamente nas atividades e projetos da escola e integrar-se na comunidade escolar.

Ao implementar um método de ensino dinâmico, promovemos o desenvolvimento de várias habilidades como a perceção, a agilidade, a introspeção e o sentido crítico pessoal e interpessoal. É ainda fundamental ressaltar a importância da transmissão de valores como a entreatajuda, o respeito e a proatividade, para que possam tornar-se membros ativos na comunidade escolar, bem como na sua vida social. Durante a PES apercebi-me da importância do tipo de abordagem que devemos ter nas interações com os alunos, pois, com isto, estamos a influenciar direta, ou indiretamente, a forma de pensar e/ou agir dos mesmos. Segundo Nogueira (1999), a proximidade entre a comunidade escolar origina um ambiente propício à construção e desenvolvimento da entidade do aluno, como estudante e cidadão. Compreender e integrar a comunidade em que este se insere, levou a uma maior aproximação, o que me permitiu uma transmissão de valores e aprendizagens para além do contexto das aulas.

Como EE, senti que foi importante para os alunos participar das diferentes atividades e projetos desenvolvidos pelo Agrupamento Escolas de Vilela, devido às oportunidades daí providas, visto que puderam alargar os seus horizontes, assim como o seu conhecimento em determinadas áreas. O DE foi um projeto desafiante, que me proporcionou a oportunidade de

melhorar o meu sentido de responsabilidade, pois o NPES esteve encarregue de acompanhar e orientar os alunos durante as respetivas atividades. Permitiu-me aprender conteúdos com os quais não me encontrava muito familiarizada, por exemplo, a prática do Golf, onde fui adquirindo noções sobre a modalidade ao mesmo tempo em que os próprios alunos também o faziam.

5.3. Socialização profissional e institucional

A relação com a comunidade escolar somou-se muito positiva, onde todos tiveram um papel determinante na minha integração. Desde o início, senti que todos os professores estavam dispostos a ajudar-me no que precisasse, tanto na forma como me acolheram na escola, como na disponibilidade que tiveram para me esclarecer qualquer dúvida que surgisse. Sinto também que todos me trataram como uma verdadeira professora, deixando de lado qualquer estereótipo que pudesse existir com a designação de EE. No decorrer da PES, fui positivamente surpreendida pela receptividade de toda a comunidade escolar.

Senti-me constantemente acompanhada e auxiliada pelos professores, principalmente os do núcleo de EF. Mostraram-se sempre disponíveis para aconselhamento, esclarecimento de dúvidas e partilhas de experiência, o que para mim, uma EE, prestes a envergar na área como futura docente, foi uma vantagem. Tudo isto contribuiu para que o ambiente de aprendizagem fosse ainda mais produtivo.

De realçar ainda que a proximidade existente na relação EE – OC foi importante para a minha formação e que, no meu caso refletiu-se no meu crescimento. A acessibilidade e a prontidão com que o meu OC se apresentou permitiu com que eu me sentisse à vontade para expor qualquer tipo de dúvida e insegurança que tivesse.

5.4. A Componente ético-profissional

Na perspetiva do docente, a componente ético-profissional desempenha um papel fundamental em todas as facetas da prática educacional. A componente ético-profissional na PES é um tópico de grande importância, tanto para a integridade profissional do EE, como para o respeito dos direitos dos educandos. Ao incorporar estes princípios na sua prática profissional,

o docente não apenas cumpre com as suas obrigações éticas e profissionais, mas também contribui para um ambiente educacional positivo e enriquecedor para todos os alunos.

A escola é responsável por criar um ambiente confortável e propício ao desenvolvimento pessoal e interpessoal do aluno, ou seja, “um desenvolvimento e formação de capacidades, de habilidades, de competências, de saberes, de atitudes, de valores, de hábitos, de motivos, de necessidades e comportamentos” (Bento, 1991, p. 101).

Para mim, o EE, como educador, deve passar os conhecimentos e os conteúdos programáticos de forma imparcial e digna a todos os alunos. Sinto que, nas minhas aulas e, na forma como escolhi relacionar-me com os alunos, tentei sempre adotar estes comportamentos e considero importante criar um espaço onde ambas as partes se sintam seguras e à-vontade para se expressarem livremente.

6. Desenvolvimento profissional

6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

Como futura profissional da área da Educação é imprescindível a contínua formação e atualização dos conhecimentos relativos às temáticas de ensino. Apesar da PES, aliada ao ensino teórico adquirido durante a licenciatura, nos dar uma grande bagagem de conhecimentos, foi notória esta necessidade de busca de novos conceitos e saberes. A PES permitiu identificar algumas lacunas e adversidades que requerem maior atenção e estudo da minha parte. Nomeadamente, determinadas modalidades das quais não sou tão detentora de conhecimentos. Um exemplo concreto foi a lecionação de Modalidades Alternativas que consistia num conjunto de modalidades não tão usuais como Kinball, Corfebol, Uni-hóquei e Bitoque Rugby. Apesar de algumas delas terem sido lecionadas durante as aulas no Mestrado, por não ter um conhecimento muito aprofundado, sentia alguma insegurança ao lecioná-las. Isto vem reforçar a ideia de que é fundamental uma formação contínua por parte dos Professores como tentativa de sanar estas falhas.

Uma outra dificuldade, que identifiquei desde cedo, refere-se à minha dificuldade de projeção da voz durante as aulas, pelo que tive de procurar estratégias para colmatar esse entrave. A solução que encontrei e tenho vindo a utilizar é o uso do apito de forma a captar a atenção dos alunos.

No entanto, apesar destas dificuldades acima referidas serem por vezes indutoras de algum constrangimento, percebo que são necessárias para toma de consciência de certos pontos a serem trabalhados e têm sido momentos importantes no meu desenvolvimento como futura docente. Ou seja, apesar de, por vezes, estes momentos serem desafiantes, têm contribuído para o aumento dos meus conhecimentos e da minha confiança na passagem destes à turma.

7. Reflexões finais

Este mestrado iniciou-se com entusiasmo e alguma ansiedade, pois sabia que teria um grande desafio pela frente, apesar de já ter tido um breve contacto com o ambiente escolar, pela ótica de docente, em contexto de Atividades de Enriquecimento Curricular.

A PES permitiu-me lapidar certas arestas que, em caso contrário, apenas conseguiríamos melhorar já em contexto de prática profissional. Nomeadamente, durante este período de PES, tive a oportunidade de viver experiências enriquecedoras e adquirir conhecimentos práticos que complementaram a minha formação académica. Isto permitiu-me o desenvolvimento de estratégias para estimular a participação ativa dos alunos, assim como a melhor escolha e implementação dos modelos de ensino, exercícios e práticas diversificadas que aprimorassem diferentes habilidades e capacidades físicas nos alunos. Trouxe, também, uma constante melhoria na realização de toda a planificação referente à lecionação, de forma a adaptar as atividades para atender às necessidades de cada aula e de cada aluno.

Ainda relativo às aprendizagens adquiridas durante a PES, é relevante referir a compreensão da importância do ambiente escolar como espaço de construção de relações afetivas e de aprendizagem. Enquanto professora percebi a importância de não transmitir apenas conteúdo, mas também estabelecer relações de confiança com os alunos, incentivando-os a superar desafios e a explorar as suas próprias capacidades, assim como a criação de uma relação de entreajuda com colegas e professores.

Por estes motivos, este percurso tem sido bastante educativo e, ao mesmo tempo, reflexivo. Estes momentos circunspectos foram essenciais para superar acontecimentos negativos e eventuais erros que cometi. Foi uma experiência fundamental para rever e aprimorar as ferramentas aprendidas durante os anos letivos anteriores, desta vez num contexto prático, enquanto desperto o desejo de continuar a aperfeiçoar e procurar novas formas para incutir nos alunos o gosto pela EF. Para além de todo o conhecimento e competências que estou a adquirir, não posso deixar de confessar que a experiência não se revelou fácil, trazendo consigo uma enorme exigência diária. Esta exigência trouxe-me diversas dificuldades, tais como, por exemplo, o facto de ter de passar para a prática todo o conhecimento teórico que aprendi nestes últimos anos, quer seja na escolha dos melhores exercícios a praticar em cada modalidade, quer na melhor maneira de os executar, o que se mostrou extremamente desafiante. Também a imprevisibilidade de acontecimentos externos, tal como o número de presença de alunos e as condições climáticas, representam fortes adversidades perante os planeamentos de aula que

tenho previstos, mas também faz com que seja mais perspicaz e flexível perante as condições ao meu dispor. Ainda assim, e apesar destas dificuldades serem, por vezes, desafiantes, sinto que fazem parte da minha evolução e representam etapas inevitáveis no trajeto de todos aqueles que ambicionam exercer a profissão de professor. Apesar de ainda estar numa fase precoce do meu percurso profissional, sinto que o meu crescimento enquanto docente tem sido considerável e que, cada vez mais, demonstro confiança naquilo que transmito à turma. Sinto, ainda, que toda esta experiência se revelou desgastante, mas, no final, o conhecimento adquirido sobrepõe-se a qualquer desgaste.

A PES salda-se, assim, positiva, pois firmou a minha vontade de seguir este caminho profissional, mais preparada e motivada para enfrentar os desafios que a carreira de professor de EF acarreta, com a firme convicção de que posso fazer a diferença na vida dos alunos e contribuir para a construção de uma sociedade mais ativa e saudável.

Apesar das dificuldades, é com gratidão que encerro esta etapa. Os altos e baixos, as aprendizagens e os sacrifícios culminam enfim na realização de um sonho de pequena. Agradeço ao OC, por me proporcionar esta agradável experiência e, por último, gostaria de deixar uma nota aos meus alunos, tendo em conta que são a base de toda esta experiência, de todo o trabalho e razão de ser desta profissão: Sei que, como uma EE, ainda não sou detentora do maior conhecimento e experiência que a disciplina requer, mas, todos os dias, de forma mútua, e com as várias individualidades, aprendemos que com honestidade, perseverança e esforço é possível alcançar todos os objetivos desejados.

8. Referências bibliográficas

- Alves, M. (2018). Explorando possibilidades acerca da construção da identidade profissional em contexto de estágio em educação física: contributo para a formação de professores através de um olhar etnográfico (Doctoral dissertation, Universidade do Porto (Portugal)).
- Bento, J. O. (1991). As funções da educação física. *Revista Horizonte*, 8(45), 101-107.
- Bento, J. O. (2003). Planeamento e avaliação em educação física.
- Bratfische, S. A. (2003). Avaliação em educação física: um desafio. *Revista da Educação Física/UEM*, 14(2), 21-31.
- CAPELO, F. D. M. (2000). Aprendizagem Centrada na Pessoa: Contribuição para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. *Revista de Estudos Rogerianos: A Pessoa como Centro*, (5), 1-6.
- da Cunha, M. D. S. A. (2016). A (re) construção da identidade profissional em contexto de estágio no ensino da educação física: uma análise situacional de discursos e narrativas (Doctoral dissertation, Universidade do Porto (Portugal)).
- Fernandes, D. (2019). Avaliação sumativa. Texto de Apoio projeto MAIA-Monitorização, Acompanhamento e.
- Ferreira, D. (2005). Construção de instrumentos de observação de práticas educativas: avaliação diagnóstica: construção de um instrumento comum a andebol e a basquetebol (Bachelor's thesis).
- Freire, A. M. (1999). Aprender a ensinar nos estágios pedagógicos: Estudo sobre mudanças nas concepções de ensino e na prática instrucional de estagiários de física e química.
- Grillo, M. C., & FREITAS, A. L. S. D. (2010). Autoavaliação: por que e como realizá-la. Por que falar ainda em avaliação, 45-49.
- Júnior, J. F. C., Moraes, L. S., de Souza, M. M. N., Lopes, L. C. L., Meneses, A. R., Pinto, A. R. D. A. P., ... & Zocolotto, A. (2023). A importância de um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz para os alunos. *Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, 6, 324-341.

- Lam, B. H., & Kember, D. (2006). The relationship between conceptions of teaching and approaches to teaching. *Teachers and Teaching: theory and practice*, 12(6), 693-713.
- Leitão, I. A. (2013). Os diferentes tipos de avaliação: avaliação formativa e avaliação sumativa (Master's thesis, Universidade NOVA de Lisboa (Portugal)).
- Maciel, M. E., & Tullio, M. I. (2020). Planejamento nas aulas de educação física escolar. *Faculdade Sant'Ana Em Revista*, 4(2), 166-181.
- Matos, M. M. S. F. (2010). Diferenciação curricular: uma abordagem às práticas de intervenção educativa no 2º ciclo do ensino básico (Doctoral dissertation, Universidade Tecnica de Lisboa (Portugal)).
- NOGUEIRA, N. (1999). A relação entre escola e comunidade na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Pátio-Revista Pedagógica*, 3(10), 13-17.
- Pereira, J. A., Mesquita, I., Araújo, R., & Rolim, R. (2013). Estudo comparativo entre o Modelo de Educação Desportiva e o Modelo de Instrução Direta no ensino de habilidades técnico-motoras do Atletismo nas aulas de Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(2).
- Santos, J. L. C. D. (2011). A reflexão partilhada sobre a prática docente no 1º ano de trabalho como forma de potenciar o desenvolvimento pessoal e profissional (Doctoral dissertation).
- Seabra, C., Silva, E., & Resende, R. (2016). A prática de ensino supervisionada em educação física. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 2(3), 32-47.
- SIEDENTOP, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. (2d Ed). Palo Alto: Mayfield Pub. Co.
- Siedentop, D. (1994). *Sport education: Quality PE through positive sport experiences*. Human Kinetics.
- Silva, L. C. (2017). Clima disciplinar, oportunidades de aprendizado e formação docente. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, 9(18), 239-466.
- Tomlinson, C. A. (2001). *How to differentiate instruction in mixed-ability classrooms*. Ascd.

Tonello, M. G. M., & Pellegrini, A. M. (1998). A utilização da demonstração para a aprendizagem de habilidades motoras em aulas de Educação Física. *Revista Paulista de Educação Física*, 12(2), 107-114.

Wenger, E. (1998). Communities of practice: Learning as a social system. *Systems thinker*, 9(5), 2-3.